

Não há na natureza humana qualidade mais notável, tanto em si mesma como por suas conseqüências, que nossa propensão a simpatizar com os outros e receber por comunicação suas inclinações e sentimentos, por mais diferentes ou até contrários aos nossos. É a esse princípio que devemos atribuir a grande uniformidade observável no temperamento e no modo de pensar das pessoas de uma mesma nação ou de um mesmo contexto social: é muito mais provável que essa semelhança resulte da simpatia que de uma influência do solo, ou do clima, os quais mesmo que continuem invariavelmente iguais, são incapazes de manter o caráter de uma nação igual por todo um século. Ódio, ressentimento, apreço, amor, coragem, alegria e melancolia – todas essas paixões, eu as sinto mais por comparação e comunicação do que por meu próprio temperamento e disposição natural. Um fenômeno tão notável merece nossa atenção, e deve ser investigado até descobrirmos seus primeiros princípios.

Este projeto busca elucidar a importância da simpatia na filosofia moral de David Hume, e tem como objetivo específico explicar o funcionamento da simpatia como fenômeno psicológico de comunicação de sentimentos, e determinar seu papel na moralidade e no estabelecimento de distinções morais. Quanto ao papel da simpatia no estabelecimento das distinções morais, é notável que, em primeiro lugar, o fenômeno natural da simpatia para com os familiares e próximos não é suficiente para tal. Segundo Hume, a simpatia natural deve ser corrigida, de modo que possamos abandonar nossas perspectivas particulares e assumir a “perspectiva comum” ou a de um “expectador judicioso”, perspectiva essa dotada de “amplas simpatias”.